

Sociedade e cultura nos anos dourados

Abertura

Na aula anterior, vimos como as bases de sustentação política do governo Juscelino Kubitschek garantiram-lhe estabilidade e permitiram-lhe levar adiante um plano econômico baseado nos princípios do nacional-desenvolvimentismo. Nesta aula, vamos ver como o desenvolvimentismo tomou conta da sociedade brasileira dos anos 50.

Aqui, como em toda parte, depois do final da guerra, em 1945, era possível sentir uma tendência ao otimismo e à esperança. Veremos de que forma esse clima se consolidou no Brasil, por meio de novas formas de expressão cultural – na música, no cinema, no teatro, nas artes plásticas e na literatura – voltadas sobretudo para as camadas urbanas da nossa sociedade.

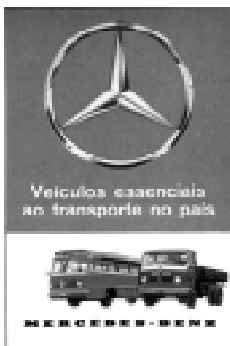
Movimento

Após a guerra, a utopia de construção de um novo mundo

O final da Segunda Guerra Mundial impôs grandes mudanças no cenário internacional, inclusive no Brasil. A mesma coisa acontecera em 1918, ao término da Primeira Guerra, como você já viu na Aula 25.

As duas superpotências emergentes, Estados Unidos e União Soviética, engajadas na Guerra Fria, procuravam ampliar suas áreas de influência. Era preciso reconstruir os países destruídos da Europa Ocidental. A ajuda financeira para isso veio dos Estados Unidos, por meio do chamado Plano Marshall.

Aos poucos, ao longo dos anos 50, junto com o apoio financeiro, o estilo de vida e a cultura dos americanos foram penetrando em vários países.



Propagandas veiculadas em revistas ao longo da década de 1950.

Era um momento de grande prosperidade econômica dos Estados Unidos. Houve um grande aumento da produção, acompanhado de um aumento da capacidade de consumo. Com materiais desenvolvidos durante a guerra, como o plástico ou o nylon, a indústria americana passou a produzir em massa objetos de uso pessoal e doméstico.

Cada vez mais chegavam às lojas geladeiras, máquinas de lavar, barbeadores, televisores, rádios portáteis, automóveis e outros bens. Com um custo de fabricação mais baixo, esses produtos podiam ser vendidos mais barato e traziam a marca do **prático**, do **eficiente** e do **moderno**.

Era exatamente esse novo estilo de vida, que vinha com tais produtos, que passava a ser praticado no mundo ocidental. Acompanhava-o um sentimento de esperança e otimismo trazido pelo final da guerra e pelo conseqüente desejo de uma vida melhor. Prezava-se o maior conforto propiciado pelos novos objetos, que simplificavam o trabalho no cotidiano doméstico e abriam maior espaço para o lazer.

As inovações científicas e tecnológicas desenvolvidas durante a guerra e ao longo da década de 1950 chegaram para ficar. Novas formas de pensar e agir se consolidaram a partir do uso da energia nuclear e dos grandes computadores, da produção de antibióticos, do lançamento dos primeiros satélites artificiais. Falava-se do renascimento de um novo homem e de um novo mundo.

Os Estados Unidos, no esforço de afirmar seu poderio econômico e político-ideológico, procuraram dominar também os países não-europeus. O Brasil, aliado declarado dos norte-americanos desde a Segunda Guerra, situava-se em sua área de influência.

A política do governo brasileiro voltava-se expressamente para a difusão de ideais e valores norte-americanos, e, ao longo da década de 1950, essa influência se ampliou. Um novo estilo de vida e de comportamento passou a ser exaustivamente mostrado pelas revistas, pelo cinema e pela televisão, o mais novo meio de comunicação de massa.

A introdução da televisão no Brasil ocorreu em 1950, na cidade de São Paulo, seguindo-se depois o Rio de Janeiro (1951), Belo Horizonte (1955) e Porto Alegre (1959). Não havia ainda, naquele momento, um sistema de redes nacionais. As câmeras eram pesadas, os recursos técnicos mostravam-se precários. Havia muito improvisado, e eram os atores e diretores do rádio que trabalhavam para a televisão. A programação era quase toda ao vivo, e os principais programas eram os telejornais, teleteatros, programas musicais e de variedades, muitas vezes patrocinados por empresas que, assim, começavam a fazer a publicidade de seus produtos. Esse foi o caso do *Repórter Esso* e do *Teatrinho Trol*, entre outros.

Em 1956, já funcionavam aproximadamente 250 mil televisores nas três maiores cidades do país; em 1959 acelerou-se a fabricação nacional de aparelhos de televisão.

Foi durante a década de 1950 que se consolidou no Brasil a chamada sociedade urbano-industrial. Uma das conseqüências desse fenômeno foi o desenvolvimento de uma cultura de massa, traduzida pelo aumento do consumo de programas de rádio (era o tempo das radionovelas e dos programas de humor), de jornais, revistas, filmes americanos e também nacionais – o destaque ia para as chamadas **chanchadas**, que tratavam dos temas do cotidiano sob a forma de comédia, ao som de músicas de carnaval.

Em tempo

As casas e os edifícios dos grandes centros urbanos como Rio de Janeiro, São Paulo e Belo Horizonte, assim como o mobiliário dessas construções, passaram a privilegiar formas mais livres, mais funcionais e menos adornadas, com curvas e volumes não habituais. Você conhece os móveis de pé-palito e as luminárias com hastes longas, finas e coloridas? Era o **moderno** invadindo a vida nas cidades.



Roupas de fibras sintéticas tornaram-se moda nessa época.

A juventude passou a ser agente de um novo comportamento. Blusas e calças de fibras sintéticas, como a **helanca** e o **ban-lon**, jaquetas de couro e calças de brim de origem tipicamente norte-americana compunham o vestuário dos jovens. Eles dançavam um novo ritmo, o **rock and roll**, e andavam de **lambreta**.

A influência francesa na nossa cultura perdeu pouco a pouco seu espaço, permanecendo intensa apenas nos círculos de elite. De qualquer forma, popularizou-se um novo estilo de vida nos centros urbanos, que tinham como modelo a cidade do Rio de Janeiro, capital da República até 1960, e, dentro dela, o bairro de Copacabana.

Seus bares, cinemas e lanchonetes, ao lado de sua famosa praia, atraíam jovens e adultos, políticos, turistas e artistas de cinema de todo o mundo. Em Copacabana surgiu o primeiro supermercado com auto-serviço, e abriram-se as primeiras lojas de eletrodomésticos da cidade.

A fabricação nacional de geladeiras, televisores, rádios portáteis, máquinas de lavar e barbeadores, e ainda o aumento do parque automobilístico, garantiram a difusão desse novo estilo de vida nos centros urbanos brasileiros.

Isso foi possível devido à política do governo Juscelino Kubitschek, que se preocupou em fazer do Brasil um país industrializado e dinâmico, nos moldes dos ideais desenvolvimentistas. Consumir produtos “modernos”, “práticos”, “funcionais” e “dinâmicos”, como dizia a propaganda dos meios de comunicação, era estar em compasso com a vida moderna dos países desenvolvidos.

Como você pode ver, vários aspectos – de ordem econômica, política, ideológica, social e cultural – fortaleceram os sentimentos de otimismo e esperança que caracterizaram o governo Kubitschek.

Com base nos elementos expostos nesta aula e também na anterior, explique por que esse momento da história do país recebeu o rótulo de “anos dourados”.

Voltar-se para o Brasil sem dar as costas para o mundo

A possibilidade de produzir algo novo mobilizou também o meio cultural. Vários movimentos no campo artístico nasceram ou tomaram impulso no Brasil ao longo da década de 1950.

Surgiram novas formas de pensar e fazer cinema, teatro, música, literatura e artes plásticas. A própria arquitetura se renovou, por meio de uma revisão do que fora feito até então.

Todas essas experiências possuíam um objetivo em comum: identificar e trazer à tona elementos da cultura popular e da nacionalidade brasileira, integrando-os a expressões artísticas inovadoras que vinham surgindo em alguns países do mundo.

O vigor do movimento cultural encontrava eco junto às camadas médias urbanas em franca expansão, sobretudo universitárias. Estava em sintonia não só com o espírito nacionalista da época, mas também com a crença nas possibilidades de desenvolvimento e transformação do país. Vejamos, com mais detalhes, como isso ocorreu em cada uma das áreas artísticas.

O **cinema** feito no Brasil durante a década de 1950 procurou retratar aspectos da realidade do país. Essa, aliás, era uma tendência inaugurada no pós-guerra pelo cinema italiano, que, com o movimento do **neo-realismo**, se preocupava em documentar os problemas sociais e humanos.

Assim, tanto um jovem cineasta independente, como Nelson Pereira dos Santos, quanto os filmes da Vera Cruz, o grande estúdio da época, construído nos moldes da indústria cinematográfica norte-americana, buscavam abordar temas da cultura popular. Até mesmo as chanchadas, em tom de comédia, traziam às telas temas do cotidiano urbano.

O neo-realismo italiano, juntamente com a renovação dos cinemas francês e japonês, influenciou decisivamente um importante movimento do cinema brasileiro no final da década de 1950 e início dos anos 60: foi o chamado **Cinema Novo**, que alcançaria repercussão internacional.

O Cinema Novo pretendia ser um instrumento de reflexão sobre a realidade brasileira. Os cineastas traziam para a tela os problemas do povo e do subdesenvolvimento. A nova linguagem, além de utilizar poucos recursos de produção, criava uma forma diferente de contar essas histórias.

Cena da peça *Revolução na América do Sul*, de Augusto Boal. Teatro de Arena, 1960 (em cima).



Cena do filme *Rio 40 graus*, de Nelson Pereira dos Santos (embaixo).

A renovação cultural também se processou no **teatro**, não só em relação à temática, mas também em relação à encenação. Com um despojamento semelhante ao do cinema, as montagens se faziam sem cenários, com um palco no centro da platéia e com os atores interpretando seus personagens de forma mais realista. Essa foi a marca do **Teatro de Arena de São Paulo**, que em meados da década de 1950 desenvolveu uma temática voltada para os problemas sociais e políticos, dentro de um projeto de conscientização e de criação de um teatro popular.



Reprodução de capa de disco.

Esses objetivos inspiraram também o **Grupo Oficina**, formado em 1958 por universitários da Faculdade de Direito do Largo de São Francisco, na capital paulista. Tanto o Teatro de Arena quanto o Oficina, liderados respectivamente por Augusto Boal e José Celso Martinez Correia, desenvolveram suas experiências por influência dos teatros de vanguarda norte-americano e europeu e da obra do dramaturgo alemão Bertolt Brecht. Novos autores surgiram na dramaturgia brasileira, como Oduvaldo Viana Filho e Gianfrancesco Guarnieri.

A **música brasileira** também se revitalizou com o movimento conhecido como **Bossa Nova**, que se iniciou em 1958. Os músicos incorporaram à canção popular brasileira algumas manifestações da música popular estrangeira, sobretudo de ritmos norte-americanos como o *jazz* e algumas de suas modalidades, como o *be-bop*.

A Bossa Nova trazia consigo uma nova forma de interpretação, mais

intimista. Trazia também uma nova orquestração, um novo ritmo e uma integração estreita entre letra e música.

A indústria do disco, em franca expansão, logo divulgaria novos compositores, como Antônio Carlos Jobim, João Gilberto e o poeta Vinícius de Moraes, e novas cantoras, como Silvinha Teles e Nara Leão. Proliferavam as apresentações nos bares de Copacabana e os espetáculos nas universidades cariocas.

Pausa

Você conhece a letra da música *Desafinado*, de João Gilberto, feita em 1958? A letra diz:

*Se você insiste em classificar
Meu comportamento de antimusical
Eu, mesmose sentindo, devo argumentar
Que isso é bossanova
Que isso é muito natural*

A música *Desafinado* dá o tom do impacto produzido por essa nova forma de cantar e de compor.

Já vimos como Brasília expressava uma nova concepção de vida urbana. Era o projeto de uma cidade moderna, sem contrastes sociais. Seus idealizadores, Lúcio Costa e Oscar Niemeyer, são a expressão máxima da arquitetura moderna brasileira, diretamente ligada aos fundadores da arquitetura moderna européia, como o suíço Le Corbusier e os alemães Walter Gropius e Mies Van der Rohe.

Mas não foi só a capital do país que mudou de cara: as casas, os edifícios residenciais ou de escritórios, alguns edifícios públicos como o Museu de Arte Moderna do Rio de Janeiro, alteraram a paisagem urbana ao longo da década de 1950. Nos seus interiores, via-se uma concepção também moderna de decoração e mobiliário, que utilizava materiais locais com um desenho prático, leve e sem enfeites.

Foi no início da década de 1950 que se consolidaram no Brasil os conceitos fundamentais da arte moderna, que já vinham sendo difundidos no exterior. A **arte figurativa** cedeu lugar à **arte abstrata**, muitas vezes **geométrica**. **Arte abstrata** é uma forma de expressão artística que rejeita a representação da realidade exterior – **como faz a arte figurativa** –, concebendo a arte como uma organização de formas e cores puras. A sua vertente **geométrica** privilegia a relação forma e cor organizadas a partir dos princípios da geometria. O que interessava não era a arte como representação e sim como um processo de conhecimento.

Sob a influência das artes plásticas, alguns poetas, chamados de **concretistas**, procuraram associar o sentido de sua poesia ao próprio aspecto material das palavras. Os concretistas faziam uma poesia fora das estruturas tradicionais da língua, utilizando as próprias palavras como objetos concretos, isto é, consideravam entre outros aspectos o espaço gráfico; a cor, o tamanho e a forma da letra etc... . Veja como exemplo este trabalho de Haroldo de Campos, intitulado “nascemorre”, de 1958.

```

se
nasce
morre nasce
morre nasce morre
                renasce remorre renasce
                    remorre renasce
                        remorre
                            re
re
desnasce
desmorre desnasce
desmorre desnasce desmorre

                nascemorrenasce
                morrenasce
                morre
                se

Haroldo de Campos, nascemorre, 1958
    
```

Mas surgiu também uma outra poesia, que, demonstrando seu compromisso com os problemas sociais, se voltava para temas regionalistas. É o caso de João Cabral de Melo Neto, que em 1955 publicou *Morte e vida severina*. Eis aqui um trecho de *Morte e Vida Severina*: *Essa cova em que estás, / com palmos medida, / é a conta melhor / que tiraste em vida. / É de bom tamanho, / nem largo nem fundo, / é a parte que te cabe / neste latifúndio. / Não é cova grande, é cova medida, / é a terra que querias / ver dividida.*

Na prosa, João Guimarães Rosa despontou com *Grande sertão: veredas*. Essa obra, utilizando uma temática regional, **inovou a própria linguagem**, por meio de uma fusão entre o falar do sertão e dos índios, o latim e o português arcaico.

O outro lado da moeda

A preocupação com a pobreza, com o atraso e com as condições de vida do homem brasileiro – tema dos filmes do Cinema Novo, da literatura e do teatro politicamente engajados – refletia os problemas que os movimentos sociais, urbanos e agrários, também procuravam enfrentar.

Ocorreram, assim, protestos nas cidades e no campo. Houve uma intensificação de greves a partir de 1958. Sindicalistas, petebistas e comunistas reivindicavam aumentos salariais diante do aumento da inflação e da alta do custo de vida. Os estudantes, por sua vez, promoviam manifestações por meio da **União Nacional dos Estudantes**, a UNE.

A questão da reforma agrária transformou-se na principal bandeira do movimento das **Ligas Camponesas**, lideradas por Francisco Julião. A reivindicação de reforma agrária consistia na luta pela distribuição das terras improdutivas em poder dos grandes proprietários entre uma massa de trabalhadores rurais que não dispunham de área para produzir. Os políticos começaram a incorporar em seus discursos o tema da reforma agrária, mesmo que não houvesse uma real intenção de atender às reivindicações dos homens do campo.

Os problemas que atingiam a maior parte da população brasileira contribuíram para o agravamento das tensões no campo e na cidade. A **radicalização política** dos primeiros anos da década de 1960 seria o resultado das tensões não resolvidas. Essa será a matéria da próxima aula.

Últimas palavras

Como já foi dito aqui algumas vezes, o que ficou como lembrança dos anos 50, e sobretudo da chamada Era JK, foi a idéia de que aqueles foram “anos dourados”.

Havia o otimismo e a esperança que refletiam profundas alterações na vida das pessoas, em termos mundiais. Uma parcela da população dos centros urbanos pôde consumir mais produtos, novos e melhores.

Mas, como em todos os países subdesenvolvidos, aqui no Brasil, palco da pobreza, do atraso e de acirradas diferenças sociais, também crescia o sentimento de que era necessário caminhar na direção de uma sociedade mais justa. Reverter aquela situação de pobreza, atraso e diferenças sociais foi desejo de estudantes, trabalhadores, intelectuais e artistas. Como esse movimento foi vivido no Brasil? É o que veremos no próximo módulo.

Exercícios

Exercício 1

Releia o item **Após a guerra, a utopia de construção de um novo mundo** e caracterize o novo estilo de vida que passou a ser difundido pelos meios de comunicação no Brasil dos anos 50.

Exercício 2

Releia o item **Voltar-se para o Brasil sem dar as costas para o mundo** e identifique um elemento comum presente nos vários movimentos culturais brasileiros da década de 1950.